



Declaração à imprensa do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de atos, por ocasião da visita do presidente da Colômbia, Álvaro Uribe

Palácio do Planalto, 17 de fevereiro de 2009

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe, presidente da Colômbia,
Senhor Jaime Bermúdez, ministro das Relações Exteriores da Colômbia,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Luis Guillermo Plata, ministro do Comércio, da Indústria e Turismo da Colômbia,

Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior,

Amigos da delegação colombiana,
Companheiros brasileiros,
Amigos da imprensa,

Com grande alegria recebemos o presidente Álvaro Uribe em sua primeira visita de Estado ao Brasil. Este é um momento especial de nossas relações. Momento marcado pela cooperação e solidariedade.

O governo colombiano e o Comitê Internacional da Cruz Vermelha comemoram a libertação de seis reféns no início deste mês. Abriram-se esperanças para os que ainda permanecem sequestrados e há novas perspectivas para a paz e conciliação dos colombianos. O Brasil colaborou para o retorno dessas pessoas ao convívio de seus familiares. Seguimos à disposição para ajudar no que for preciso, sempre e quando solicitados.

O excelente nível de nossas relações se expressou na criação da Comissão Bilateral Brasil-Colômbia, que nos vai permitir realizar uma agenda ambiciosa de cooperação nas áreas de desenvolvimento sustentável na



Amazônia, ciência e tecnologia, agroindústria, educação e cultura.

Nos últimos quatro anos, nosso comércio aumentou 150%. Em 2008, as trocas alcançaram a cifra recorde de US\$ 3 bilhões, sendo que as exportações colombianas para o Brasil subiram 94%. A Comissão de Monitoramento do Comércio, que decidimos instituir, permitirá aumentar e equilibrar nosso intercâmbio nesse contexto de crise em que vivemos.

Os investimentos brasileiros na Colômbia somam US\$ 1,5 bilhão. Nossas empresas levam empregos, tecnologia e competitividade aos principais setores da economia colombiana, como energia, infraestrutura, siderurgia e automobilística. O encontro empresarial de que Vossa Excelência participou ontem na Fiesp estimulará novos investimentos nos dois sentidos.

Nossos países podem unir esforços na área dos biocombustíveis. Colômbia e Brasil trabalham conjuntamente para preservar e proteger a diversidade biológica e o patrimônio hídrico da Amazônia. Temos de garantir o desenvolvimento sustentável de uma região onde vivem mais de 25 milhões de pessoas.

A Comissão de Vizinhança vai aprofundar nossa cooperação em benefício de nossas populações fronteiriças, sobretudo na região de Letícia e Tabatinga.

Estamos avançando igualmente no plano tecnológico. Assinamos o Acordo de Cooperação em Aplicações Pacíficas de Ciência e Tecnologia Espaciais. Com ele, vamos impulsionar nosso intercâmbio científico no campo da tecnologia espacial.

Caro amigo presidente Uribe,

O mundo está testemunhando uma crise de crédito gerada nos centros financeiros que contaminou a economia internacional. Aumenta a responsabilidade dos governos. Os impasses econômicos exigem soluções políticas.

Este é momento de adotar políticas públicas consequentes e solidárias



para corrigir a desordem econômica global e mitigar seus efeitos negativos. Sei que seu governo está fazendo importantes esforços e acaba de anunciar vultosos investimentos, sobretudo em projetos de infraestrutura, energia, educação e saneamento básico.

No Brasil, combinamos políticas macroeconômicas responsáveis com medidas anticíclicas que estimulam a geração de empregos e o aumento da produção. Nosso Programa de Aceleração do Crescimento investirá R\$ 646 bilhões, até 2010, em infraestrutura logística, energética e social.

A ampla rede de proteção social que implantamos no Brasil serve de anteparo para os efeitos mais nefastos da crise. Incorporamos cerca de 10 milhões de brasileiros ao mercado de trabalho. Mais de 20 milhões deixaram a situação de pobreza extrema. A classe média é agora maioria no Brasil: 53% da população. Não podemos deixar que esses ganhos sociais, duramente conquistados, sejam revertidos.

No plano externo, necessitamos atuar juntos. O multilateralismo deve ser fortalecido. A recuperação da economia internacional depende, mais do que nunca, dos países em desenvolvimento. Devemos combater práticas protecionistas dos países desenvolvidos. O protecionismo só aprofunda a crise. Precisamos atuar de forma coordenada nos foros de negociação internacionais.

Estamos preparados, na América do Sul, para enfrentar esses desafios. Percorremos um longo caminho até a formação da Unasul. Ela já demonstrou sua enorme utilidade como fator de estabilidade institucional e democrática na América do Sul. Registro o apoio decisivo da Colômbia para a criação do Conselho de Defesa da Unasul. A integração promove oportunidades de desenvolvimento e bem-estar na região. Podemos e vamos fazer muito mais. A Colômbia tem despertado o interesse de investidores brasileiros em vários setores. Neste momento, empresas brasileiras desejam participar no projeto de construção da Ferrovia do Carare, empreendimento com potencial para gerar



quatro mil empregos diretos.

Presidente,

O Brasil teve o privilégio de sediar a primeira Cúpula da América Latina e do Caribe sobre Integração e Desenvolvimento, na Bahia, em dezembro. Em 200 anos de vida independente, nunca os países latino-americanos e caribenhos haviam se reunido sem a intermediação de outros interlocutores.

Temos a responsabilidade de dar seguimento à agenda definida na Declaração de Salvador e aprofundar uma perspectiva regional própria. Por isso, nós queremos convidá-lo também para continuarmos a somar forças pelo avanço da integração latino-americana e caribenha num ambiente de pluralismo e diversidade, com respeito mútuo e com base na cooperação e no diálogo.

Meu caro companheiro Uribe,

Eu penso que você e eu, que chegamos a presidentes da Colômbia e do Brasil no mesmo ano – eu cheguei a partir de outubro de 2002 e você chegou no começo do ano – a Colômbia, que tem eleições em maio do próximo ano, e o Brasil, que tem eleições em outubro do próximo ano, [vão] exigir que nesse pouco mais de um ano que [temos] como presidente da Colômbia e do Brasil, possamos fazer um pouco mais do que fizemos nesses seis anos, e poderemos fazer um pouco mais do que aquilo que foi feito praticamente durante todo o século XX.

A verdade é que, embora nunca quiséssemos admitir publicamente, os nossos países sempre se colocaram mais de costas um para o outro, e sempre olhamos os nossos irmãos ricos da América do Norte e da Europa. Essa crise econômica, que para alguns parece um pesadelo sem fim, para nós precisa ser encarada como uma oportunidade extraordinária de fazermos aquilo que certamente saberemos fazer, mas que nunca ousamos fazer porque sempre recebíamos o prato pronto dos chamados países desenvolvidos. Algumas coisas, que eu penso que nós precisamos mudar de comportamento e mudar



as ações do governo.

Na minha vida pessoal, Uribe, muitas vezes eu vejo pessoas que se separam, pessoas que ficam viúvas, e as pessoas pensam que o mundo acaba quando morre alguém. Normalmente, a pessoa fica na beira de um caixão, achando que o mundo acabou, porque não sabe o que vai fazer no dia seguinte. Normalmente, você encontra as pessoas um ano depois, elas estão felizes e estão fazendo coisas que elas jamais imaginaram fazer na vida, porque elas nunca tinham tido a oportunidade de tomar decisões por conta própria. Sempre havia alguém que se considerava mais preparado para dizer o que [deveriam fazer].

Vamos imaginar a crise que aconteceu nos anos 90, no mundo inteiro. Vamos imaginar o que aconteceu com a crise asiática, com a crise mexicana, elas não totalizaram US\$ 200 bilhões de prejuízo. Por ocasião daquelas crises, quase todos os países da América do Sul quebraram, quase todos os países emergentes tiveram problemas muito sérios. Naquela época, eu me lembro porque, em uma parte eu era oposição e na outra eu virei governo, quanto os países ricos sabiam encontrar soluções para nós. Quantos palpites o FMI dava de como deveríamos fazer o ajuste fiscal, de como deveríamos controlar gastos, de como deveríamos conter investimentos. O Banco Mundial, ou seja, todo mundo se achava no direito de dizer o que nós deveríamos fazer. Às vezes você recebia um empresário, às vezes você recebia um ministro de outro país, e ele começava a conversa dizendo o que a gente tinha que fazer no Brasil para as coisas darem certo.

Eu também aprendi, na minha vida pessoal, que quando a gente mora em um bairro que um vizinho tem um problema, nós temos todas as soluções para os problemas dos nossos vizinhos, mas quando o problema é dentro da nossa casa, os problemas ficam muito mais difíceis. Eu estou vendo agora os países ricos sem muita solução para os seus problemas internos. Eu já não vejo mais o Banco Mundial, o FMI e outras instituições darem tanto conselho



aos Estados Unidos, à Europa, como davam a nós. Possivelmente, porque agora a dor do calo seja no pé deles e não no nosso pé.

Por que eu estou dizendo isso, Uribe? Primeiro, porque eu sou um torcedor fanático da Seleção brasileira, do meu time no Brasil, que é o Corinthians, do crescimento da América do Sul e do acerto que tiveram a Europa e os Estados Unidos. Eu digo todo dia: eu rezo para o Obama aquilo que eu não rezei para mim, porque eu sei da importância dos Estados Unidos para o comércio mundial, eu sei da importância dos Estados Unidos para a América Latina, e eu sei que se os Estados Unidos se recuperarem logo, melhor para todo mundo. Se eles não se recuperam logo, pior para todo mundo. Eu rezo também para que a Europa se recupere. Que aqueles homens que sabiam tudo sobre a Colômbia, sobre o Brasil, sobre a Argentina, saibam um pouco sobre eles e que tomem as decisões que precisarem tomar para estancar essa crise.

Nesta semana as revistas publicam que o PIB de quase todos os países europeus caiu. Eu sei que não vai retomar um crescimento rápido, mas que pelo menos pare de cair. E é preciso tomar as medidas urgentes que têm que ser tomadas. Eu espero que no dia 2 de abril, quando o G-20 estiver reunido em Londres, a gente tenha a sabedoria de tomar as decisões corretas para que o mundo volte à normalidade, para que o sistema financeiro internacional seja controlado e para que as pessoas não façam da atuação do sistema financeiro uma verdadeira jogatina irresponsável, como foi feita nos últimos anos.

Pois bem, o que nós poderemos fazer aqui na América do Sul. Primeiro, eu quero te dizer que no Brasil, certamente, nós não cresceremos o tanto que nós crescemos em 2008, mas certamente o Brasil vai ter uma desaceleração, e não uma recessão econômica. Segundo, nós estamos mantendo todos os investimentos públicos do governo federal e estamos aumentando os investimentos. Terceiro, nós estamos pedindo para que os ministros de infraestrutura façam contratos, nas obras de infraestrutura em nosso país, em



dois turnos ou em três turnos, para que a gente possa suprir a demanda por empregos no Brasil. Terceiro, nós colocamos mais R\$ 100 bilhões no nosso Banco de Desenvolvimento, para que ele tenha recursos para financiar o projeto das empresas brasileiras aqui no Brasil e também das empresas brasileiras em outros países. Eu estou sabendo que empresas brasileiras que tinham grandes investimentos na Colômbia, por alguma razão, desativaram os seus investimentos. O meu compromisso público contigo é fazer com que nós tenhamos, aqui no Brasil, uma conversa com essas empresas, e que o BNDES possa trabalhar para que a gente possa manter o financiamento do investimento, porque nós temos uma relação muito próspera com a Colômbia, temos uma vantagem na balança comercial, e nós queremos que essa balança comercial seja mais equilibrada. Portanto, é importante que empresas brasileiras produzam na Colômbia, gerem empregos na Colômbia, e gerem também equilíbrio na balança comercial.

Uma coisa que nós precisamos nos provocar, apenas para você e eu pensarmos: por que a nossa balança comercial não é feita nas nossas moedas? Por que nós temos que comprar dólar para tratar das exportações colombianas para o Brasil e das brasileiras para a Colômbia? O que nós precisamos é colocar os nossos ministros da Fazenda, os nossos presidentes de Banco Central para se sentarem em torno de uma mesa e criar regras para que a gente não precise ficar dependente do dólar, que está cada vez mais escasso e cada vez mais problemático. Por isso é que eu rezo todo dia pelo presidente Obama, para ele fazer as coisas certas e trazer vantagens para nós. Eu quero terminar, Uribe, dizendo para você que a relação que o Brasil está construindo com a Colômbia é uma relação, possivelmente, mais forte do que em qualquer outro momento da nossa história. O Brasil tem que assumir a responsabilidade pela quantidade de fronteiras secas que temos em toda a América do Sul, o Brasil não pode se dar ao luxo de esquecer que tem países na América do Sul com mais carência econômica do que o Brasil, com menos



possibilidade de conhecimento científico-tecnológico que o Brasil. E o Brasil, pelas suas características - sem nenhuma visão de hegemonia, como alguns já quiseram ter em outros momentos - nós queremos construir uma parceria sólida, em que a gente possa se tratar com mais confiança, com mais respeito e com mais companheirismo. Ou seja, nós estamos cercados por dois grandes oceanos, e se fosse um barco e afundasse, não escapavam nem colombianos e nem brasileiros. Portanto, é hora de nós aproveitarmos a crise e construir, com a inteligência das nossas assessorias, as coisas que nós ainda não conseguimos fazer.

Eu sei que para a Colômbia ter um crédito do Brasil para comprar máquinas do Brasil, muitas vezes é mais caro do que pegar dinheiro em outro lugar. Eu sei também que as garantias, muitas vezes, têm problema de país para país, de Banco Central para Banco Central, de ministro da Fazenda para ministro da Fazenda.

Se nós conseguirmos determinar uma lógica na Unasul, em que a gente possa estabelecer, definitivamente, uma troca comercial em moedas próprias, nós já estaremos nos livrando de um grande problema, que é o nosso pequeno empresário precisando procurar dólar para poder financiar as suas exportações. Nós vamos ter que trabalhar como nós, aqui no Brasil, poderemos contribuir para financiar essas nossas exportações.

Eu, Uribe, vejo nesta crise uma grande oportunidade para a gente ter um pouco mais de ousadia, um pouco mais de coragem e fazer o que, em tempo de normalidade, nós achávamos que não podíamos fazer porque Basiléia não concordava, porque o Banco Mundial não achava bom, porque o FMI não aceitava, porque, quem sabe, os Estados Unidos não vissem com bons olhos, quem sabe a União Européia não entendesse bem.

Eu acho que agora, meu caro companheiro Uribe, nós precisamos fazer com muito mais ousadia e muito mais coragem aquilo que nós, em outros momentos tivemos, eu diria, inibição de fazer, tivemos, eu diria, até



preocupação em fazer porque não sabíamos qual seria a [reação] dos chamados países desenvolvidos. Na hora da crise, o que fica provado é que o nosso povo depende das nossas ações; na hora da crise, o que fica provado é que nós é que temos que resolver os nossos problemas, porque quem anda nas ruas de Bogotá é você, quem anda nas ruas de Brasília sou eu. O nosso povo não vai se queixar na ONU, o nosso povo não vai se queixar para nenhum presidente de outro país. Eles vão cobrar é de nós, da Argentina ao Suriname.

Nós vamos ter que encontrar uma solução diferente para agir enquanto continente, com muita responsabilidade, porque nós poderemos sair dessa crise mais fortalecidos do que entramos nela. Eu acredito nisso, trabalho para isso, e quanto mais as pessoas falam em crise no meu ouvido ou mais eu leio [sobre] crise na imprensa, mais eu tomo decisão de fazer investimentos neste país.

Recentemente, nós fizemos uma discussão, a Petrobras tinha investimentos de US\$ 112 bilhões até 2010. Nós aumentamos para 174 bilhões até 2013. Agora decidimos, Uribe, e na próxima semana certamente estarei anunciando 1 milhão de casas populares. Nós queremos fazer com que os setores que possam gerar empregos com mais facilidade supram o desemprego que possa haver em algum setor de ponta que depende de produtos importados. Nós pretendemos fazer outras medidas. Eu sou contra fazer pacote amplo econômico, mas, pontualmente, nós vamos fazer todas as medidas para que o povo brasileiro saia dessa crise muito mais fortalecido, que o Brasil saia mais fortalecido. Eu torço para que, se nós trabalharmos com muita firmeza, se nós trabalharmos com muita convicção política, a América do Sul, ao terminar esta crise, esteja muito mais preparada para subir de patamar na economia mundial do que nós estávamos quando esta crise começou.

Eu acho extraordinário, e vou dizer para terminar: quando o Muro de Berlim caiu, muita gente ficou com uma certa bronca de mim porque eu disse



que, finalmente, a esquerda mundial estava livre para refazer os seus pensamentos, criar novas doutrinas, pensar novas coisas. Alguns não gostaram, mas eu continuo convencido de que nada melhor do que a gente criar as condições de a nossa intelectualidade pensar e repensar, a cada dia, alguma coisa nova para ser colocada em prática.

O mesmo eu digo da crise econômica. Essa dívida nasceu, e todo mundo já sabe, de algumas décadas de irresponsabilidade – e a palavra correta é irresponsabilidade – de um sistema financeiro que não se preocupou com o setor produtivo, mas apenas [em] ganhar, e muitas vezes ganhando na especulação. Quando ele quebra, nós não temos o direito de fazer com que os trabalhadores que vivem do seu salário, os pobres que ainda estão esperando a oportunidade de ganhar cidadania, a classe média dos nossos países, os nossos intelectuais, os nossos professores, os nossos trabalhadores rurais, sejam vítimas de uma crise que eles nem sabiam que existia.

Eu queria dizer essas palavras, Uribe, para dizer a você que acho que Brasil e Colômbia, mais os outros países da América do Sul [poderão] construir novas fórmulas de negociação, de balança comercial, de garantia de importação ou de exportação, de financiamento das nossas indústrias, sem ficar dependendo daquilo que nós dependemos durante todo o século XX, que era a boa vontade dos países ricos em fazer concessões aos países pobres.

Eu acho que agora chegou a hora de a gente dizer que nós, juntos, poderemos encontrar as soluções que cinco anos atrás ou seis meses atrás, pareciam impossíveis. Agora, não só é possível, como é necessário, porque afinal de contas, eu disse na ONU e vou repetir agora: o momento é de pensar politicamente e não pensar apenas economicamente.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
